

ZERO ZERO ALPISTE

Mirna Pinsky

Ilustrações: Cris Eich

todas
as
letras

MANUAL DO PROFESSOR

A autora colombiana Yolanda Reyes, em seu livro *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*, aborda a importância da literatura na vida de crianças e jovens. Segundo a escritora, entrar em contato com a literatura e com os livros tem sido mais necessário do que nunca nos últimos tempos, em que se vivem dias tumultuados e abarrotados de informações e de estímulos externos. Isso porque “a experiência literária brinda o leitor com as coordenadas para que ele possa nomear-se e ler-se nesses mundos simbólicos que outros seres humanos construíram”.¹ Ler literatura pode não mudar o mundo, ela observa, mas o torna mais habitável, abrindo novas portas de sensibilidade e possibilitando o entendimento de nós mesmos e dos outros.

Antonio Candido afirma que a literatura é uma das esferas mais ricas da produção cultural humana. Ela permite refletir sobre a condição humana e dá forma aos sentimentos e à visão de mundo dos indivíduos. Uma das princi-

pais tarefas dos educadores, conforme o autor, é promover a constituição de uma comunidade de leitores na escola — fazer com que a literatura, esse lugar de encontro (onde convivem as vozes e as histórias de outros), possa pertencer a cada um ao ser compartilhada por todos.

Assim, o papel do professor é de extrema importância ao possibilitar a formação de leitores que, por meio de um trabalho sistemático e organizado, estabeleçam diferentes e significativos diálogos com infinitas vozes, conhecendo diferentes épocas e interpretações do mundo.

E é fundamental que esse trabalho inicial com a literatura ocorra durante a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, garantindo a formação de cidadãos que contribuam para a construção de uma sociedade mais ética, democrática, responsável, inclusiva e solidária, e que respeitem e promovam a diversidade e os direitos humanos, sem preconceitos de qualquer natureza.

1 REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 27-8.

O trabalho com obras como **Zero Zero Alpiste** propicia, no decorrer da Educação Básica, que os alunos desenvolvam as competências gerais sugeridas no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017): a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade para a construção e transformação da realidade, para a criação de hipóteses, investigação, análise crítica, imaginação e criatividade, para a valorização e fruição de expressões artísticas e culturais.

O tema de **Zero Zero Alpiste** é a “descoberta de si”, pois o protagonista passa a se conhecer melhor, a se entender em meio à diversidade humana e a se respeitar dessa forma. A partir do trabalho com esse livro, é possível trazer para seus leitores a oportunidade de uma significativa e necessária mudança de paradigma: a descoberta de que os sentimentos masculinos precisam ser considerados e aceitos na sociedade em que vivemos e que essa

descoberta, mesmo dentro de um contexto social (incluindo o familiar), é fruto da reflexão do sujeito a respeito de seus preconceitos e de suas estruturas psicológicas/emocionais. Portanto, das dez competências gerais que a BNCC apresenta, ao menos duas estão de acordo com o que a obra aborda:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* — Educação é a base. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018. p. 10.

ANTES DE LER O LIVRO

Não deixe de fazer uma leitura prévia antes de realizar a leitura com os alunos. É importante que você, como leitor, faça as observações e análises para que possa mediar as conversas apreciativas que forem sendo propostas. Relate suas sensações e impressões de leitura; proponha a análise de trechos ou ilustrações que chamaram a sua atenção. Lembre-se de que você é um modelo de leitor e suas ações vão servir de referência quando os alunos forem fazer as suas próprias participações.

Mirna Pinsky, autora de **Zero Zero Alpiste**, é uma escritora paulistana de livros infantis e infantojuvenis que já publicou cerca de cinquenta títulos. O livro em questão é um conto infantil que pertence ao tema “Descoberta de si”. A breve narrativa é construída a partir de um único fio condutor, um conflito a ser resolvido: o autoconhecimento e o autocuidado de Daniel, personagem apelidado de Zero Zero Alpiste.

O conto tem uma estrutura leve, mas com elementos narrativos complexos. O tema, aparentemente singelo, é ambicioso: trata de um dilema em que o personagem Daniel precisa buscar uma resposta que não está no outro. Pela flor que nasce de sua dor, ele encontra sua essência, permitindo-se viver suas mazelas e dar voz aos seus sentimentos.

Motivação para a leitura/escuta

Antes de começar a leitura propriamente dita, convide os alunos a explorar o título e a capa do livro:

1. Pergunte a eles o que acham que o título sugere a respeito do enredo e se eles sabem o que é alpiste.
2. Observe a capa e as ilustrações com eles. Leiam juntos o texto da quarta capa. Algo mudou sobre as ideias até então levantadas?

Após a leitura do texto, proponha as seguintes questões:

- “Agora é possível saber por que o título é esse?”
- “Vocês concordam com o pai de Daniel? Por que ele acha que homem não pode chorar?”
- “O que será que essa flor vai fazer com Daniel? Como será que ela mostra a Daniel que homem deve e precisa chorar? Vocês concordam com a flor?”
- “Em quais momentos vocês choram? Só choram quando estão tristes ou já choraram alguma vez quando estavam muito felizes? Vocês acham que Daniel chora quando está triste ou quando está feliz?”

DURANTE A LEITURA

Antes do início da leitura, faça alguns combinados importantes com os alunos sobre o momento da leitura em voz alta, para garantir que ela seja feita sem interrupções.

Peça a eles que acompanhem com o dedo enquanto você lê em voz alta. Se surgirem dúvidas a respeito de algum termo, dê as explicações após a leitura, mas não deixe de conferir antes o que eles acham que a palavra significa. Por fim, escreva a palavra na lousa.

DEPOIS DA LEITURA

O texto e o contexto

Terminada a leitura, crie um momento de troca de ideias entre os leitores. Para isso, você poderá organizar uma roda de conversa, em que os alunos fiquem sentados em círculo no chão ou nas próprias carteiras. Deixe-os à vontade para que o diálogo transcorra com naturalidade, sem que se preocupem com respostas certas ou erradas. Faça a mediação do bate-papo, instigando as opiniões, sensações e impressões da turma.

Para iniciar essa conversa apreciativa, você pode propor as seguintes questões:

- “O que vocês acharam dessa história?”
- “Vocês tinham imaginado que o final seria desse jeito?”

Essas duas questões têm como objetivo maior levar os alunos a dar suas opiniões sobre o que foi lido. Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre sua vivência é uma importante habilidade a ser trabalhada desde a Educação Infantil. Como são questões amplas, proponha, a partir das respostas dadas, uma sequência de reflexões sobre a narrativa analisada. Algumas sugestões:

- “Quem deu esse apelido de Zero Zero Alpiste a Daniel?”
- “Em que ano da escola ele estava? Como vocês perceberam isso?”
- “Por que Daniel caía muito?”
- “Quando Daniel caía, por que ele não chorava, mesmo sentindo muita dor?”
- “Daniel tinha uma irmã. Como ela se chamava? Ela era mais velha ou mais nova do que ele?”
- “Como Daniel martelou seu dedão? Por que doeu tanto? Nessa situação, ele chorou. Por que ele ficou espantado ao perceber as lágrimas caindo dos olhos?”
- “Por que Daniel teve a ideia de correr para o jardim?”

- “Quem é Dorita? Como ela ajudou Daniel?”
- “Como Daniel resolveu essa questão sobre homem não chorar?”

Por meio dessas perguntas é possível trabalhar tanto a localização de informações explícitas — expostas no texto — quanto a localização de informações implícitas, inferindo o sentido de uma palavra ou expressão do texto.

Você poderá abordar também a linguagem e os recursos linguísticos utilizados pela autora:

- “O que significa dizer que ‘todos os dias, mamãe tinha um remendo pra fazer na bermuda’ (p. 6)? O que é remendo? Para que remendar a bermuda? Como é possível fazer isso?”
- “O que significa a frase: ‘A dor ardia dentro dele e se transformava em lágrimas. E elas iam saindo e a dor ia passando’ (p. 11)?”
- “E o que significa a última frase da história: ‘— Tô botando a dor pra fora. E eu lá quero carregar toda essa dor pesada dentro de mim?!’ (p. 17)?”
- “Será que é possível uma flor brotar no lugar onde foram plantadas lágrimas? O que vocês acham disso?”
- “Dorita é uma flor que fala. Por que isso é possível nessa história?” Espera-se que os alunos percebam que é possível, pois se trata de uma obra de ficção em que a prosopopeia foi utilizada. Prosopopeia é uma figura de linguagem capaz de atribuir ações e reações de seres humanos a seres inanimados — é a personificação de seres irracionais ou de objetos. A partir dessa questão, você pode propor uma conversa a respeito das diversas figuras de linguagem existentes na literatura.

Além disso, fazer a análise de imagens é essencial nessa busca de sentido do que foi lido, possibilitando identificar os recursos não verbais em um texto:

- “As imagens combinam com a história?”
- “É possível saber que técnicas a ilustradora utilizou?”
- “O que significa a ilustração das páginas 16 e 17? E a da página 20, com a gaiola aberta e vazia?”

De acordo com o que resultar dessa conversa, proponha a discussão de outras sensações e impressões dos alunos.

Para encerrar esse momento de apreciação, proponha algumas questões de cunho mais pessoal, como estas:

- “Vocês gostaram dessa história?”
- “O que vocês acham de pessoas que pensam como o pai de Daniel? Vocês conhecem alguém que pense assim?”

Interpretação do texto

Para ampliar as habilidades dos alunos, você pode escolher algumas questões discutidas e trabalhadas nas conversas anteriores para que eles as registrem por escrito.

Escolha as questões que julgar mais pertinentes para esse tipo de atividade e que atendam aos seus objetivos com a turma, lembrando que fazer esse tipo de registro é um desafio aos alunos dessa faixa etária, já que é comum que eles consigam entender as partes da história, mas não consigam escrever sobre elas. A habilidade de escrever com base nas próprias observações é desenvolvida ao longo da escolaridade.

Então, você pode pedir que eles façam ilustrações e desenhem suas respostas. Depois, reserve um tempo para fazer a socialização oral delas. Se julgar pertinente, organize os alunos em duplas para a realização dessas atividades.

Linguagem

Para ampliar ainda mais as habilidades dos alunos, verifique quais recursos linguísticos precisam ser abordados com a turma. A partir dessa decisão, elabore ditados em que esses recursos sejam utilizados: podem ser ditados de palavras ou de pequenos trechos da história. Alguns recursos que geralmente são tratados nessa fase escolar são:

- Uso de letra maiúscula inicial.
- Uso de letra maiúscula em nomes próprios.
- Uso de ponto final no fim de frases.
- Uso de letra cursiva (após a aquisição da escrita alfabética).

Na sequência, corrija os ditados coletivamente, pedindo que cada aluno revise o próprio texto. Não deixe de abordar os usos desses recursos nos contextos trabalhados.

Bate-papo e pesquisa

Para ampliar o conhecimento dos alunos, você pode propor a eles que conversem sobre o fato de as pessoas apelidarem umas às outras. Muitas vezes é uma forma de carinho; em outras, é uma provocação com alguma característica da pessoa.

Organize-os em uma roda de conversa e comece com uma pergunta mais ampla, por exemplo:

- “Na história que lemos, Daniel tinha um apelido: Zero Zero Alpiste. Vocês acham que esse era um apelido carinhoso? Vocês acham que ele gostava de ser chamado assim?”

Deixe que os alunos participem de maneira voluntária. A ideia é que a conversa transcorra com naturalidade e que os alunos possam opinar livremente. Esteja sempre atento, no entanto, às piadas ou brincadeiras que possam surgir e reforce

a importância do respeito às diferenças. Esse é um ótimo momento para trabalhar a questão do *bullying* em sala de aula.

Em seguida, proponha outras questões para aprofundar as reflexões, como:

- “Vocês têm apelidos? Vocês gostam desses apelidos? Quem deu esses apelidos a vocês? Por quê?”
- “Existem pessoas que não gostam dos apelidos que recebem. Por que vocês acham que isso acontece? Vocês conhecem pessoas que não gostam dos apelidos que têm?”
- “Na opinião de vocês, o que faz uma pessoa dar um apelido a outra?”

Procure incluir nesse bate-papo outras questões que sejam pertinentes ao tema da conversa. Encerre convidando a turma a fazer uma campanha sobre o assunto para ser divulgada em toda a comunidade escolar.

Produção de texto

Após a leitura e a conversa apreciativa, proponha aos alunos a seguinte produção textual: a continuação da história. Sugira a reflexão: “O que será que vai acontecer com Daniel depois dessa conversa com Dorita?”.

Para isso, organize um reconto oral em que os alunos possam recuperar todos os episódios da narrativa. Quando terminar o reconto, problematize a continuação com questões como estas:

- “Depois de chorar muito e dizer que estava botando a dor para fora porque não queria carregar a dor pesada dentro dele, o que aconteceu com Daniel?”
- “Será que Daniel passou a chorar quando sentia dor?”
- “Daniel conseguiu mudar o seu comportamento?”
- “E o pai de Daniel: será que ele conseguiu mudar a sua opinião?”

Depois da discussão oral, proponha aos alunos que criem a continuação da história. Como eles estão no início da escolarização e muitos ainda não estão alfabetizados, você fará o papel de escriba, anotando o texto na lousa ou no computador à medida que os alunos forem organizando as ideias oralmente.

Terminado o registro do texto, faça a leitura em voz alta para que os alunos verifiquem se desejam fazer alguma alteração. Questões relacionadas à ortografia e à pontuação não devem ser discutidas nesse momento de produção.

Fazendo arte

Que tal propor aos alunos uma ilustração para a continuação da história que criaram na atividade anterior? Eles podem escolher a parte de que mais gostaram para ilustrar. Permita que essa representação da história seja livre e significativa para eles e ressalte que não há certo ou errado nessa etapa.

Oriente-os na escolha das técnicas e materiais que usarão (pintura, colagem, dobradura, por exemplo).

Quando as ilustrações estiverem prontas, organize o texto elaborado na etapa anterior e as imagens em um mural em lugar de boa visibilidade.

Para saber mais

SOBRE MIRNA PINSKY E CRIS EICH

Consulte o *site* da autora Mirna Pinsky para saber mais sobre sua vida e obra. Disponível em: <<http://mirnapinsky.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

E para conhecer mais sobre a ilustradora Cris Eich, visite seu *site* (em inglês). Disponível em: <<http://criseich.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Atividade interdisciplinar

Para a realização de uma atividade interdisciplinar, você pode propor uma pesquisa quantitativa sobre o tema “Os homens podem chorar?”. A pesquisa consiste em saber quantas pessoas entrevistadas na escola concordam com o pai de Daniel e quantas discordam.

Para as entrevistas, proponha a seguinte pergunta: “Em sua opinião, homem pode chorar?”. Oriente a turma a aceitar apenas dois tipos de resposta: SIM OU NÃO, informando ao entrevistado que não é necessário justificar sua opinião e nem explicar o motivo dela.

Organize os alunos em duplas e oriente-os a fazer a pesquisa na escola, com o maior número de pessoas. Podem ser entrevistados alunos de outras turmas (cuide para que a mesma dupla não entreviste as mesmas pessoas) e funcionários da escola. As entrevistas podem ser feitas nos intervalos, durante uma semana, por exemplo.

Para o registro das entrevistas, entregue aos alunos folhas de papel sulfite e auxilie-os na escolha da estratégia de registro. Uma sugestão é que o professor faça as duas colunas com as possíveis respostas (SIM OU NÃO) e os alunos pintem os quadradinhos da tabela na folha entregue.

Quando as duplas terminarem as entrevistas, faça o levantamento das respostas organizando uma tabela. A partir dela, discutam a necessidade de elaborar um gráfico de colunas (ou de barras) para expor os resultados.

Assim que o gráfico estiver pronto, planejem juntos uma forma de divulgar os resultados: no mural da escola ou no jornal (se ela tiver um); no *site* da escola (se houver); em forma de folheto ou fôlder; ou em qualquer outro meio de comunicação que a escola disponibilizar.

Bom trabalho!

Leia também

- *Coisa de menina*, de Pri Ferrari. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

Todo mundo pode tudo: tem menino que gosta de brincar de casinha e tem menina que gosta de construir foguete. Este livro é para todos que acreditam na liberdade individual como a melhor escolha.

- *Coisa de menino*, de Pri Ferrari. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

Há meninos que querem ser super-heróis ou jogadores de futebol. Mas todos eles também podem querer brincar de boneca, cozinhar, dançar. Este livro é para todos que acreditam que o importante é ter liberdade.

- *Homem não chora*, de Flavio de Souza. São Paulo: Formato, 2009.

Um menino descobre muitas questões sobre si mesmo diante do pai que acaba de perder o emprego. Ele encontra novas formas de sentir e reafirma o homem como um ser que ri, chora, sofre, ama.

Referências bibliográficas

BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* — Educação é a base. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REYES, Y. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.